

**MOJO**  
BOOKS

RECONTADO POR  
**CAROLINA RABELO**



*Fiona Apple*

**When the Pawn...**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

Fiona Apple  
**WHEN THE PAWN**  
recontado por  
**CAROLINA RABELO**

---

JUNHO DE 2008  
SPECIALS 10

**MOJO**  
SPECIALS

---

fiona apple

# WHEN THE PAWN

recontado por  
**CAROLINA RABELO**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
DIREÇÃO DE ARTE: **BASE-V**  
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **VALENTINA DEL NERO**



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. On The bound
2. To your love
3. Limp
4. Love ridden
5. Paper bag
6. A mistake
7. Fast as you can
8. The way things are
9. Get gone
10. I know

---

## FIONA APPLE WHEN THE PAWN

LANÇAMENTO: **1999**  
SELO: **EPIC RECORDS**

---



**VINTE ANOS**

*WHEN THE PAWN Hits the Conflicts He Thinks like a King  
What He Knows Throws the Blows When He Goes to the Fight  
And He'll Win the Whole Thing 'Fore He Enters the Ring  
There's No Body to Batter When Your Mind Is Your Might  
So When You Go Solo, You Hold Your Own Hand  
And Remember That Depth Is the Greatest of Heights  
And If You Know Where You Stand, Then You Know Where to Land  
And If You Fall It Won't Matter, Cuz You'll Know That You're Right*

Abro os olhos, já é de manhã, e ele ainda dorme virado de costas para mim. Será que ainda é como antes? Será que ele, ao perceber em seu meio-sono que já acordei, vai pegar meu braço com a mão e passá-lo ao redor do seu corpo, querendo que eu não saia da cama? Ele que sempre dormiu mais do que eu, mas há meses acordo sozinha na minha própria casa, longe daquele corpo tão conhecido. Não gosto de observá-lo dormir. Há alguma coisa vulgar e ofensiva no rosto de um homem que ainda dorme após todas as horas da noite. Mas sinto uma ternura confiante e poderosa de percebê-lo vulnerável ao meu lado, alheio ao mundo, indefeso na escuridão de seu sono. Ele entregou a mim uma noite em sua companhia, depositou-a em minhas mãos como se dissesse: de você não tenho medo. Mesmo depois dos meses em que estivemos longe ainda confia em mim e dorme nu, sem pudor, ao meu lado.

O sexo da noite foi de uma volúpia especial, talvez por conta do tempo que se esticou entre nós. As roupas jogadas no chão denunciavam que, ao chegar em casa, não conseguimos esperar a distância entre a porta de entrada e o quarto. Ele sabe que gosto da noite, ainda sabe que me agrada o escuro e o frio suave da madrugada que esqueço ao calor dos corpos juntos,



mas talvez não saiba o quanto gosto do cansaço que nos fez adormecer instantaneamente, do sono pesado de amor ao lado dele. Mesmo depois dos anos em que tivemos tantas noites juntos, mesmo depois de tantos anos, ele talvez não saiba o quanto me satisfaz o sono pesado de amor.

Uma única noite não faz com que sejamos “nós” novamente. A consciência de que não funcionamos juntos me vem enquanto olho para suas costas, a linha de ossos que divide o corpo magro exatamente no meio, essa linha móvel e firme que se dobra por debaixo da pele corada. Esta noite é a linha que divide o passado de um futuro onde nada ficará bem, engano-me se mudo de idéia, se reconsidero as possibilidades, se penso que o quero de volta. Não posso exigir que ele caminhe comigo porque sei que o destino é assustador. Minha mão medrosa e gelada pousa suavemente no vértice da curva das costas. Ele se mexe, desperta, lembra-se da minha presença — que na verdade, eu sei, não esqueceu durante a noite — e sim, envolve seu corpo com meu braço num sorriso, nossos troncos estão novamente em contato, misturo minhas pernas às dele. É dia, já é dia, vejo contra a luz a poeira subindo do edredom azul, antigo, onde ainda posso enxergar longínqua a mancha de sangue da minha inocência que, anos atrás, perdi sob este mesmo teto. Ele ainda está sorrindo, aperta os olhos. Muitas vezes falei sobre os cílios longos e muitas vezes ele me respondeu exatamente com as mesmas palavras desinteressadas — é, já me disseram isso. Sorri. Hoje sei que o primeiro cumprimento do dia será diferente, esse cumprimento

que já adivinho saindo dos lábios dele, como adivinhei sem dificuldade o abraço do despertar. Os olhos, antes apertados, abrem-se separando os cílios grossos e escuros, acostumam-se à luz da manhã e ele me diz: “feliz aniversário”. Não me dirá bom dia sem que eu antes o tenha dito, eu sei. Aprendi com os anos de convivência. Mas hoje é meu aniversário – também aprendi que estas sempre serão as primeiras palavras dele ao me ver todos os anos neste dia, feliz aniversário. E adoro.

Ele sabe o que vou fazer agora, porque sempre foi assim: vou agradecer e, alegando essa fome profunda que sinto de manhã (“especialmente depois da atividade de ontem à noite, meu amor”), sairei da cama em direção à cozinha para encontrar na geladeira o café da manhã que ele comprou planejando que eu acordasse ali: meu salame italiano preferido – as fatias que engulo ainda de pé, cruas, para sentir melhor o gosto —, o guaraná e o polenguinho. Há ainda uma garrafa de mate, e essa sim eu tenho certeza de que existe só para mim: “não gosto de mate, vai me deixar impotente”, ele sempre dizia. Imagino-o apressado no supermercado comprando minha comida preferida, pensando em mim enquanto percorre as prateleiras, inseguro com o encontro que está por vir. Um casal de amigos em comum, querendo me surpreender, avisou-o do *happy hour* de ontem. Tremi ao vê-lo entrar pela porta do bar com aquele sorriso largo de sempre, vindo me cumprimentar com um abraço e um impessoal beijo na bochecha, que logo tratei de transferir à boca — o que é isso, beijo no rosto? Não, não somos

amiguinhos, me beija na boca, não quero outra coisa de você. E então foi como se nunca tivéssemos nos separado: ele sentou-se ao meu lado, pôs a mão sobre minha perna e disse estar com fome. Parecia meu quase-marido de novo. Conversou animadamente diante de uma mesa abobalhada com sua presença. Ninguém imaginou que ele viesse, ninguém diria que depois de um relacionamento traumático como foi o nosso, depois de lágrimas e tristezas profundas, que depois de tudo isso estaríamos juntos, sorrindo como adolescentes recém-apaixonados. Senti toda nossa vida em mim novamente, o passado estava ali.

Ele chega já vestido à cozinha, põe a mão sobre meu ombro e me viro para beijá-lo. “Bom dia”, eu digo, “desta vez você levantou rápido, achei que ainda te conhecia e que voltaria à cama para te ver tentar dormir de novo”. Ele diz que não; que é meu aniversário e quer estar comigo. Quer me agradar, eu sei, vejo, e como gosto do que ele faz: a minha comida preferida na geladeira, o esforço de levantar-se ainda com sono por saber que não gosto de voltar à cama uma vez de pé — hoje é meu aniversário e ele não vai insistir para que passemos uma hora de preguiça na cama. Tantas vezes ele se ressentiu, mas hoje — hoje lutou contra si mesmo e pôs-se de pé por mim. Hoje o início do dia não é motivo para uma briga tola: é meu aniversário e ele quer me presentear. Estar junto é um presente.

Pergunta-me que planos fiz para hoje. Não sei, na verdade não fiz nenhum, vou esperar os parabéns, os telefonemas amigos, os *e-mails*,

aniversário nunca me anima e o que eu queria mesmo era me esconder do mundo todo. “Você quer se esconder só para ser achada, tenho certeza”, ele diz provocativo. Respondo com um sorriso cúmplice: “você me conhece muito bem”. Ele diz que sabia que eu ficaria agradada com a surpresa de ontem – “você precisa que as pessoas mostrem que gostam de você, e eu sei que você não ter vindo a mim durante esse tempo não foi por não querer, mas por esperar que eu viesse primeiro, e aqui estou: fui vencido, não agüentei, por isso aceitei o convite deles”, e deixa cair os braços ao lado do corpo mostrando-se rendido. Gargalho de satisfação: “é tão bom estar com você de novo”, e beijo-lhe os lábios repetidamente, bochechas, queixo – que saudade senti das pintinhas no seu queixo. Não tenho vergonha alguma de mostrar a falta que ele me faz – confiamos no sentimento partilhado e ele é mais frágil que eu, está tão assustado quanto eu, tão sem saber o que fazer quanto eu: sabemos os dois que não podemos estar juntos, não depois das inúmeras tentativas frustradas e dolorosas. Mas sabemos também o quanto dói a distância. Não consigo seguir meu próprio pensamento – as feridas abrem-se mais a cada dia, por coisas pequenas, por coisas grandes, as decepções cotidianas que causo por conta do meu egoísmo latente, não sei voltar à cama uma vez de pé mesmo sabendo o quanto ele quer uma hora de preguiça ao meu lado. Minha grande capacidade de arrancar um pedaço do amor que me é nutrido a cada dia e que resistiu corajosamente à minha habilidade de destruição. Não, não podemos ficar juntos defini-

tivamente porque não consigo, porque resisto ao amor dele e mantenho distância. Porque sou inalcançável. Há em mim uma solidão profunda, um lugar onde ninguém consegue chegar, nem mesmo ele, que não me perdoa por isso. Mas o amo, sei que ele me ama, quero-o tanto, sinto como se me fossem partidos os ossos do peito com força. Não sei dividir minha vida com este homem que ainda tem no dedo o nosso anel, que ainda tem na orelha sua metade do par de brincos que dividimos três anos atrás. Nosso amor custa demais, melhor então não tê-lo. As coisas são melhores assim. Não sei lidar com nosso cotidiano, nem me deixar envolver pelo amor, sinto-me facilmente sufocada, e ainda assim preciso muito dele, preciso desse amor que é doença e cura. A cura definitiva virá quando desistirmos de lutar um contra o outro. Por que lutar se queremos a mesma liberdade?

No meu aniversário este é o único presente que me é oferecido – saber que este homem que vejo pela última vez é meu para sempre. Ninguém vai tirá-lo de mim e ele resistirá imutável ao tempo. Guardarei comigo os olhos atentos e os cílios longos, as pintas avermelhadas tentando aparecer em meio à barba curta, o pescoço largo e forte, as mãos bem desenhadas e nosso anel que dança no dedo magro. E do tanto que já me esqueço? Os pequenos hábitos. Estar junto é lembrar de miudezas que quero de volta, mas não o quero mais, não adianta guardar miudeza alguma. É muito grave não tê-lo mais em meus dias. Ele amará outras mulheres no futuro e nenhuma delas será capaz de compreender que, mesmo separados, ficaremos

juntos eternamente. Este presente foi-me atirado no rosto com violência e se sobrevivo a ele é só para levá-lo comigo, sentir seu peso e gosto eternos.

Olho para ele com tristeza, confesso que os outros homens que me apareceram não são nada como você, todos uns grandes enganados, você é tudo o que preciso, e ele me devolve um olhar atento, pisca diversas vezes, vira o rosto para o lado – esse movimento de pescoço me é tão familiar. Mantém-se em silêncio, não diz que tudo ficará bem, é somente isso que preciso ouvir e não, ele não diz que é tão meu quanto sou dele. Hoje é o limite e subitamente sei que não podemos mais. É meu aniversário, acendo o primeiro cigarro do dia na chama azul do fogão, desejo liberdade. Liberdade para mim e para ele. O relógio na parede marca dez horas.



**mojo**  
SPECIALS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)